

3. Não um preceito, mas uma Presença para ser olhada

por Julián Carrón*

“De fato”, continua Dom Giussani, “não houve nenhuma bronca”. Jesus simplesmente lhe dirigiu de novo a pergunta: “Simão, tu me amas?”. Não incerto, mas temeroso e tremendo, respondeu de novo: ‘Sim, eu Te amo’. Mas na terceira vez, na terceira vez que Jesus lhe dirigiu a pergunta, teve de pedir a confirmação do próprio Jesus: ‘Sim, Senhor, Tu o sabes, eu Te amo. Para Ti é toda a minha preferência de homem, toda a preferência do meu espírito, toda a preferência do meu coração. Tu és a preferência extrema da vida, a excelência suprema das coisas. Eu não sei, não sei como, não sei como dizer e não sei como é, mas apesar de tudo o que fiz, apesar do que ainda posso fazer [neste momento, agora], eu Te amo’¹.

Como vemos, em Simão domina essa simpatia, essa preferência, com as quais o primeiro a ficar espantado é o próprio Pedro: “Não sei como”, não sabe explicar como é possível, mas não pode evitar que a surpreenda dentro de si, como algo mais determinante do que todos os erros cometidos.

A genialidade de Giussani pode ser reconhecida na simplicidade com que se deixa ensinar pelo relato, não reduzindo o “sim” de Pedro a um impacto sentimental, a um momento emocionante, lírico e comovente, mas apreendendo toda a sua dimensão generativa, geradora, fundadora de uma novidade de vida: “Esse ‘sim’ é a nascente da moralidade, o primeiro sopro de moralidade no deserto árido do instinto e da reação pura. A moralidade deita suas raízes no ‘sim’ de Simão, e esse ‘sim’ só pode enraizar-se na terra do homem por uma Presença dominante, compreendida, aceita, abraçada, servida com todo o impulso do próprio coração, que só assim pode voltar a ser criança. Sem presença não há gesto moral, não há moralidade”².

Bastaria uma frase como esta para desbancar livros inteiros de moral e muitas das estratégias que nos parecem mais inteligentes. O que pode deitar raiz em nós, o que pode firmar-se no íntimo de nós mesmos não é uma lei ou um preceito, um discurso ou uma aula, mas – diz Dom Giussani – só uma Presença, “uma Presença dominante, compreendida, aceita”³. E isto é libertador. Sem essa Presença, o “sim” – portanto a moralidade – não pode enraizar-se na terra do nosso coração. E seria inútil nos lamentarmos. Não é possível, mesmo com todo o nosso esforço; o “sim” não pode enraizar-se, a não ser por aquela Presença dominante. “Sem Presença não há gesto moral”. Tinha dito isto Jesus mesmo: “Sem mim, nada podeis »

*Do livretto dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» fazer”.⁴ Foi necessário que a misericórdia de Deus se tornasse carne, presença, presença carnal, histórica, para conseguir atrair todo o homem, para fazer enraizar-se o “sim” no coração do homem.

Que tem de particular essa Presença, para suscitar o “sim” e, desta forma, a moral nova?

“Este homem, Jesus, tem uma característica humana muito simples: é um homem do qual emana uma *simpatia* humana” que nunca poderá nascer de uma lei, de uma aula, de uma lista de coisas para fazer. É uma simpatia humana provocada por aquela carne. E “a moralidade, ou seja, a vitória sobre o niilismo”, sobre a dissolução, sobre nos tornarmos canhões soltos no convés, “não é não falhar, não cometer erros, mas, mesmo cometendo erros, falhando, no fim: ‘Simão, tu me amas?’, ‘Sim, Senhor, eu Te amo’”. Posso errar mil vezes, mas “eu adiro; eu adiro à simpatia humana que emana de Ti, Jesus de Nazaré, eu adiro. E dentro desta simpatia que emana de Ti eu aprendo, aprendo a viver, aprendo a ser homem. É extremamente simples a moralidade: é aderir a uma simpatia, uma simpatia humana. Humana como a simpatia que a mãe experimenta por seu filho e o filho experimenta por sua mãe”. O problema não é que a criança não apronte – seria impossível –: para que aprenda a viver, basta que a simpatia da mãe atraia e faça vir à tona toda a sua simpatia. A simpatia de uma mãe é visceral, como a simpatia daquele Homem por Pedro. “Jesus tem esta simpatia humana por você, por mim, e eu, mesmo cometendo erros, digo: ‘Sim, Senhor, eu adiro a esta simpatia’. Esta última afirmação é a possibilidade última de vencer o niilismo que nós ‘pegamos’ por contágio da sociedade em que vivemos. Para mim é importante”, prossegue Dom Giussani, “que vocês fiquem sobre aquilo que eu disse no final, ou seja, que a moralidade – responder ‘sim’ a Cristo, que lhe pergunta: ‘Tu me amas?’ – tem um início extremamente simples, que é a simplicidade de aderir a uma simpatia. E aderir a uma simpatia tem um início extremamente simples, que é *olhar*: um olhar para Cristo”.⁵

¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 83-84.

² *Ibidem*, p. 84.

³ *Ibidem*.

⁴ Jo 15,5.

⁵ L. Giussani, A virtude da amizade ou: da amizade de Cristo, *Litterae communionis*, n. 51, mai./jun. 1996, p. 24-25.